

O USO DO PÍFARO INDUSTRIALIZADO NA INICIAÇÃO DE CRIANÇAS À FLAUTA TRANSVERSAL

Alberto Sampaio

Mestre em Música e bacharel em Flauta Transversal pela Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); especialista em Música Brasileira pela Escola de Música da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Professor dos cursos de bacharelado e licenciatura da UEMG e professor na Fundação de Educação Artística e escola de música Flutuar Orquestra de Flautas, que também dirige.

albsampaio@terra.com.br

Resumo

O presente artigo propõe o uso do pífaro industrializado na primeira etapa de aprendizagem (iniciação) de crianças na flauta transversal. Demonstramos que o pífaro possui características que facilitam o aprendizado inicial dos principais aspectos técnicos da flauta. As características particulares do pífaro, em alguns casos específicas, mas em outros casos análogas às da flauta transversal, fazem dele um instrumento adequado e propício para o ensino da flauta em seu estágio mais inicial. Assim, este trabalho aponta para o desenvolvimento de uma nova metodologia de ensino.

Palavras-chave: Flauta transversal; pífaro; crianças.

Introdução

O presente artigo é fruto do primeiro capítulo de nossa dissertação de mestrado, defendida na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em 2005, intitulada: “A iniciação infantil à flauta transversal a partir do pífaro: repertório, aspectos técnicos e recursos didáticos”. Nessa pesquisa estudamos a iniciação de crianças à flauta transversal e propusemos a utilização da flauta pífaro nas primeiras etapas de aprendizagem. Abordamos, em profundidade, os quatro principais aspectos técnicos trabalhados na fase de iniciação, a saber: a maneira de segurar o instrumento, a emissão do som (a embocadura e o sopro), os ataques com golpes de língua e o dedilhado (mecanismo). Para se trabalhar cada um desses aspectos em consonância com as diretrizes da área de educação musical – como a diversidade e a criatividade – selecionamos e elaboramos várias “ferramentas” didáticas, isto é, muitos materiais e atividades.

Para a montagem de um repertório amplo e diversificado, apropriado à iniciação com o pífaro, selecionamos e analisamos 35 músicas, priorizando as brasileiras. Cada uma delas foi analisada por tópicos, avaliando o seu potencial didático. Com o intuito de se estabelecer parâmetros referenciais que pudessem propiciar uma noção de progressividade no repertório, definimos 28 aspectos técnico-musicais e seus respectivos fatores de complexidade. A dissertação apresenta, ainda, dois importantes recursos didáticos que foram elaborados e desenvolvidos para a iniciação ao instrumento: as gravações de acompanhamento (todas as músicas do repertório foram gravadas em um CD) e as partituras-gráficas (que utilizam grafias não-convencionais).

No entanto, não é exatamente nesse repertório, nem tampouco nesse material didático que nos deteremos aqui, mas tão somente nos aspectos particulares do pífaro como instrumento de iniciação à flauta transversal, mostrando analogias e diferenças entre os dois instrumentos.

A flauta transversal e a criança

Para as crianças, sobretudo as pequenas (com idade entre cinco e nove anos), a flauta transversal é um instrumento muito grande, pesado e de difícil equilíbrio. Por ser tocada transversalmente e com uma postura assimétrica - com deslocamento dos braços à direita do eixo central do corpo - a flauta geralmente causa desconfortos corporais, podendo inclusive provocar torções e tensões musculares que são, obviamente, indesejáveis. Na fase inicial de aprendizagem, frequentemente, as crianças têm dificuldades para sustentar o instrumento na posição própria para tocá-lo e, por isso, costumam levar algum tempo para se adaptarem de forma razoável.

Diante de tal problema, uma solução encontrada por alguns fabricantes foi a substituição do bocal de formato convencional por um bocal-curvo, semelhante ao de uma flauta-baixo. O uso desse bocal propicia às crianças um melhor posicionamento de seus braços: o esquerdo já não necessita mais deslocar-se excessivamente em direção à esquerda (permanecendo com o antebraço à frente do tronco) e o direito não precisa mais ficar muito esticado lateralmente.

Porém, um bocal-curvo avulso, que pode ser encaixado em uma flauta de modelo normal, é fabricado apenas no exterior e a um preço considerado caro para os padrões brasileiros.

Atualmente, existem também flautas transversais que são projetadas especificamente para crianças. Além de possuir o bocal-curvo para diminuir seu tamanho e peso, elas não incluem as duas chaves da parte final do instrumento, que se chamam “pés”. Por esse motivo, sua nota mais grave é o ré e não o dó. Outra característica muito interessante é o formato diferente das chaves. Para que a criança não precise abrir tanto os dedos, foram incluídos “adendos adaptadores” que ficam sobrepostos mais lateralmente com relação às chaves normais de uma flauta padrão, que ficam bem acima dos furos do tubo.

Apesar de serem utilizadas em diversos países, as flautas transversais projetadas para crianças ainda são raríssimas no Brasil. A razão disso é seu preço relativamente alto. Há que se considerar, também, o fato de que em pouco tempo a criança cresce e passa a tocar em um modelo normal, exigindo a substituição do primeiro instrumento.

Porém, o preço de uma flauta transversal convencional – especialmente as de suficiente qualidade – é também elevado para os padrões econômicos da maioria da população brasileira. Mesmo que as condições financeiras da família sejam boas, como se trata de um investimento considerável, é perfeitamente compreensível que os pais relutem na hora da compra de um instrumento com receio de que seus filhos, em um futuro próximo, desistam de continuar o estudo.

O pífaro para a iniciação

Diante desse contexto, uma alternativa, levando-se em conta a realidade brasileira, é a utilização da “flauta pífaro” industrializada no início do processo de aprendizagem, anteriormente ao trabalho com a flauta transversal convencional. Esse período inicial poderá variar, dependendo do caso, de alguns meses a pouco mais de um ano. O pífaro industrializado tem demonstrado ser um grande facilitador no processo de iniciação à flauta transversal. Os bons resultados observados na

continua experiência didática com o pífaro¹ permitem-nos afirmar que, devido às suas características, ele é um catalisador para o desenvolvimento de crianças na fase inicial de aprendizagem. Isso porque ele ameniza algumas das dificuldades inerentes a essa fase, propiciando aos principiantes uma sensação de maior naturalidade e familiaridade com o instrumento. Além disso, ao mudarem para a flauta transversal, as crianças não costumam sentir nenhum tipo de ruptura que abale a fluência natural de seu desenvolvimento musical. Pelo contrário, o momento de mudança é, frequentemente, sentido como uma conquista, um marco, um novo impulso.

Com o intuito de evitar qualquer tipo de mal entendimento, é importante que se faça uma diferenciação entre o pífaro industrializado e os pífanos, pífaros e/ou pifes, que são instrumentos artesanais populares típicos do Nordeste brasileiro. No Dicionário Musical Brasileiro de Mário de Andrade, os termos pífaro, pífano e pife são tratados como sinônimos: “Pífaro (s.m.) – Instrumento de sopro, nome genérico que indica flauta vertical ou transversal, de bambu ou de metal, sem chaves e geralmente com seis orifícios; também chamado de gaita (no Nordeste), pífano e flautim” (ANDRADE, 1999, p. 398). Já a flauta pífaro, objeto central de nossa pesquisa, é uma flauta industrializada, cujo material de fabricação é o plástico.

O pífaro industrializado possui um tamanho pequeno, semelhante ao de uma flauta doce soprano. Diferencia-se, porém, deste instrumento, essencialmente, por seu bocal. A flauta pífaro é dividida em duas partes, cabeça e corpo, que são encaixáveis. O bocal (cabeça) possui um pequeno porta-lábio, semelhante ao de uma flauta transversal. O corpo do instrumento possui oito orifícios e não apresenta nenhuma chave ou mecanismo. Diferentemente dos pifes artesanais, o industrializado possui um orifício destinado ao dedo polegar da mão esquerda. A escala (posição e tamanho dos furos) foi projetada para a tonalidade de dó maior. Como o flautim, o pífaro soa exatamente uma oitava acima da flauta transversal: sua tessitura abrange a extensão, que vai do dó-4 até o mi-6.

O preço de um pífaro é bastante baixo, similar ao de uma simples flauta doce soprano de plástico, e ele encontra-se à venda em lojas especializadas em instrumentos musicais. Se comparado ao valor de uma flauta transversal, o custo não ultrapassará a casa dos 3%. Encontram-se à venda no Brasil pelo menos duas marcas de pífaro industrializado: Yamaha e RMV (de fabricação brasileira), de design e qualidade praticamente iguais. No exterior esse instrumento é comumente chamado de *yamaha-fife*.

1 Há cerca de 20 anos, o pífaro vem sendo adotado no Centro de Musicalização Infantil da Escola de Música da UFMG. Além dessa escola, utilizamos o instrumento também durante todo esse tempo, em outras instituições de ensino como, por exemplo, na Fundação de Educação Artística e, mais recentemente, em um projeto de cunho sociocultural intitulado Projeto Vila Aparecida, realizado por essa fundação.

O pífaro possui semelhanças significativas em relação à flauta transversal:

- A forma de emissão sonora e o tipo de embocadura do pífaro são idênticos aos da flauta. Tanto o nível de pressão de sopro como o trabalho de controle do fluxo da coluna de ar funcionam de maneira semelhante nos dois instrumentos. Podemos afirmar ainda que ambos possuem praticamente o mesmo nível de dificuldade para a emissão. Se comparado ao flautim de madeira, instrumento de mesmo tamanho, o pífaro é mais fácil para um iniciante, sobretudo em seu registro grave;
- em toda a extensão do pífaro, os dedilhados das notas dentro da escala diatônica de dó maior são idênticos aos da flauta transversal. Consideramos pertinente destacar que essa afirmativa inclui os dedilhados das notas dó e ré do registro médio, diferentemente da flauta doce que possui outros dedilhados para essas notas. Além disso, os dedilhados do dó#, tanto o médio quanto o agudo, são os mesmos da transversal;
- ao tocar o instrumento, o posicionamento básico das mãos, ou seja, a maneira de se segurar o pífaro, é equivalente ao da flauta transversal. Nesse sentido, podemos especialmente destacar o tipo de contato que acontece na mão esquerda, notadamente na base do dedo indicador (fator que gera uma firmeza), e, por outro lado, na mão direita, as posições dos dedos polegar e mínimo;
- os golpes de língua também funcionam de forma idêntica em ambos os instrumentos;
- o timbre do pífaro possui uma proximidade razoável com o timbre característico da flauta transversal em seus registros médio e agudo.

Em comparação com a flauta transversal, o pífaro possui qualidades importantes que favorecem os primeiros contatos da criança com o instrumento. Ressaltamos os seguintes aspectos que os diferenciam:

- Devido a seu pequeno tamanho - praticamente a metade de uma flauta transversal - e peso reduzido, o pífaro apresenta maior facilidade para a criança segurar o instrumento, proporcionando-lhe maior comodidade e equilíbrio;
- por ser de plástico, o pífaro pode, sem problemas, cair no chão, bater em outros objetos, arranhar, molhar etc. Disso surge um ambiente de maior soltura e naturalidade, características altamente desejáveis na fase inicial de contato com um instrumento, sobretudo, em se tratando do universo infantil.

A única desvantagem, por assim dizer, em se começar com o pífaro é que, assim

como acontece no aprendizado da flauta doce, o aluno precisa, com os dedos, fechar completamente os orifícios do corpo do instrumento, pois uma mínima fresta pode comprometer a emissão do som. Iniciar com o pífaro exige, portanto, um pouco mais da coordenação motora fina das mãos e uma maior sensibilidade nas pontas ou polpas dos dedos. É preciso dar atenção a esse aspecto, principalmente na medida em que se vai aprendendo as posições das notas mais graves. Isso demanda um número maior de dedos em contato com pífaro, fechando cada orifício. Algumas crianças, especialmente as menores, podem levar algum tempo para adquirir tal nível de destreza.

Outro aspecto que diferencia a iniciação realizada com o pífaro refere-se ao nível de dificuldade de emissão das notas mais graves do instrumento. Uma característica da acústica da flauta transversal é a sua tendência natural à diminuição de volume sonoro à medida que as notas se tornam mais graves. No pífaro, por outro lado, esse problema pode ser considerado relativamente pequeno. Não há dúvidas de que também exista alguma perda de volume, mas emitir a nota dó grave no pífaro é bem mais fácil do que na flauta transversal. Um aluno que inicia diretamente neste segundo instrumento, levará um tempo maior para conseguir tocar de maneira consistente, conforme se pode constatar na “pergunta” de Artaud: “[...] por que atormentar o aluno com o dó sustenido e o dó natural graves se, seis meses mais tarde, esses problemas se resolverão por si mesmos, com o sopro mais firme e a embocadura mais segura?” (ARTAUD, 1995, p. 10).

Finalmente, é importante acrescentar que, se por um lado, o pífaro pertence à família da flauta transversal por possuir semelhanças quanto à forma de emissão, à maneira de segurar e ao dedilhado, por outro, ele compartilha com a flauta-doce algumas das qualidades que fazem dela um excelente instrumento para a iniciação de crianças à música: seu tamanho e leveza, sua resistência a quedas e a pequenos acidentes (podendo inclusive se molhar), além de preço acessível.

Conclusão

Por todas as razões apresentadas nesse artigo, podemos concluir que o pífaro é um instrumento que prepara e precede, de forma adequada, a iniciação infantil à flauta transversal. Assim, cremos estar clara a pertinência do desenvolvimento de uma metodologia de ensino que o utilize como possibilidade real e eficaz, levando em consideração aspectos específicos da realidade e da cultura brasileira e apresentando materiais didáticos, atividades e repertório adequados, criativos e diversificados. Nesse sentido, acreditamos que exista um grande potencial para a multiplicação do uso do pífaro no Brasil. Assim, uma nova proposta surge como sopros de vitalidade.



REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. de. *Dicionário musical brasileiro*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1999.
- ARTAUD, P. Y. *A flauta transversa: método elementar*. Tradução de Raul Costa D'ávila e Carmem C. O. Gonçalves. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995.
- GALWAY, J. *Flute*. London: Kahn & Averill, 1999.
- GOODWIN, L. *The fife book*. Chicago: Just Flutes, 1998.
- SAMPAIO, A. *A iniciação infantil à flauta transversal a partir do píforo: repertório, aspectos técnicos e recursos didáticos*. Dissertação (Mestrado em Música) - Escola de Música, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte 2005.

The usage of the yamaha-fife as an introductory tool to the flute for children

Abstract

The current article proposes the use of píforo flute (Yamaha-fife) in the first stage of children's introduction to transverse flute learning. This paper demonstrates that, because the píforo has facilitating characteristics to the learning of the transverse flute, main aspects of the flute technique could be developed. Píforo's specific features, sometimes different, but in other cases similar to the transverse flute, make it suitable and favorable to the pedagogy of the flute in its earliest stage. This paper points, thus, to the development of a new teaching methodology.

Keywords: Flute; yamaha-fife; children.